

Motes, Glosas, Epígrafes

2006

Comecemos pelo fim.

Fechar os olhos para ver. Ver, tornar visível pelo acto de pintar torna-se, assim, pensamento, reflexão.

A Modernidade e a Filosofia transformaram a visão em pensamento fazendo desaparecer o visual. E mesmo a beleza foi dispensada, porque deixou de ser relevante.

Ao mimetismo do visível sucedeu o mimetismo da impossibilidade. As imagens surgem agora vazias, “espaços vazios para quando desaparecidas as palavras” [Samuel Beckett, *Pioravante Marche*].

Continuando, porém, para lá do fim: fim da pintura, fim da história, fim das narrativas, todavia... pinta-se ainda, tendo consciência do fim e simultaneamente da impossibilidade desse fim. “Só o desespero não é estéril. (Escolhemos a Arte como um meio de desesperar), afirmou Breton.

Para os filósofos medievais a pintura tinha dois modos de ser: uma realidade *formal* e uma realidade *objectiva*. Existia como imagem e como realidade. O quadro ocupava o espaço físico do observador oferecendo-lhe um espaço fictício.

Agora a pintura é pensamento tornado visível, mesmo quando aponta a sua própria opacidade. Os quadros na sua autonomia, permitem-se não representar mas tornar visíveis ideias, onde imagem e objecto material são uma e a mesma coisa.

Assim estes quadros não criam janelas sobre o mundo, fazem parte do mundo. Compartilham o espaço do observador e não lhe oferecem senão a sua presença e o seu silêncio, a sua existência de desespero “todo estreito e vazio (...) Tudo claro. Claro Obscuro. Buraco negro boquiaberto sobre tudo. Deixando entrar tudo. Deixando sair tudo”. [Samuel Beckett, *Pioravante Marche*].

São, deste modo, e em certa medida, autobiográficos.

Pintar como respirar. Correr riscos. Acto-auto, de fé, de incerteza, existencial. Inútil.

São auto-reflexão de um acto de pensamento, onde os materiais da História da Arte são integrados através duma linguagem que possibilita uma forma que tem de construir a sua razão de ser.

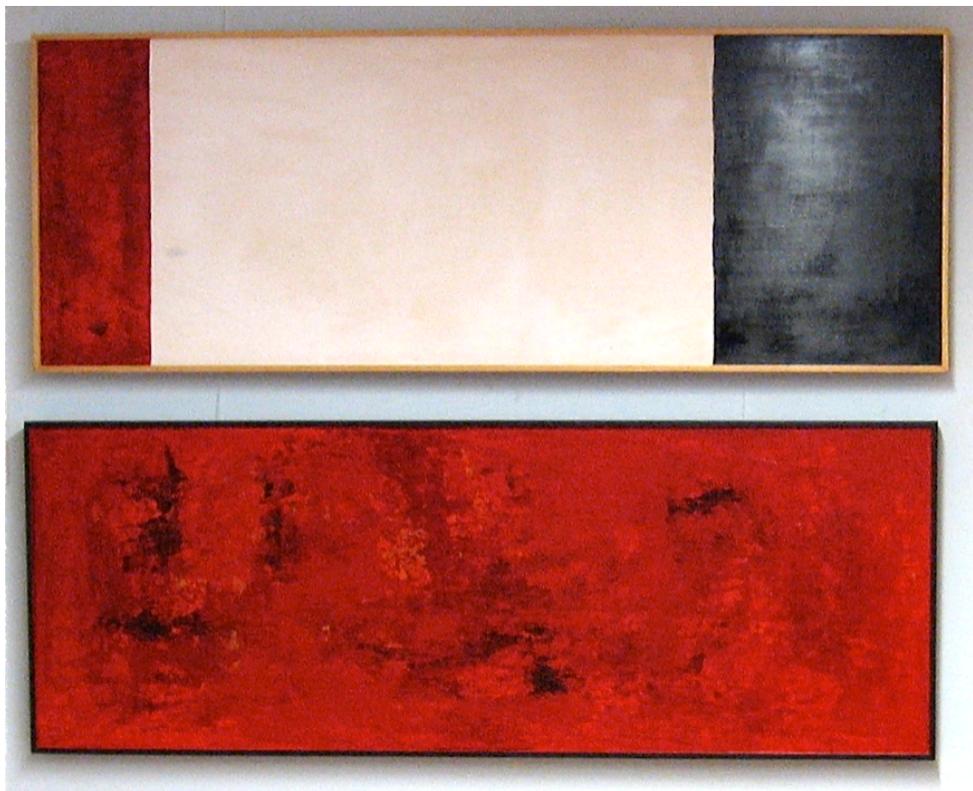
Deste modo não há representação. Quanto muito equivalentes visuais.

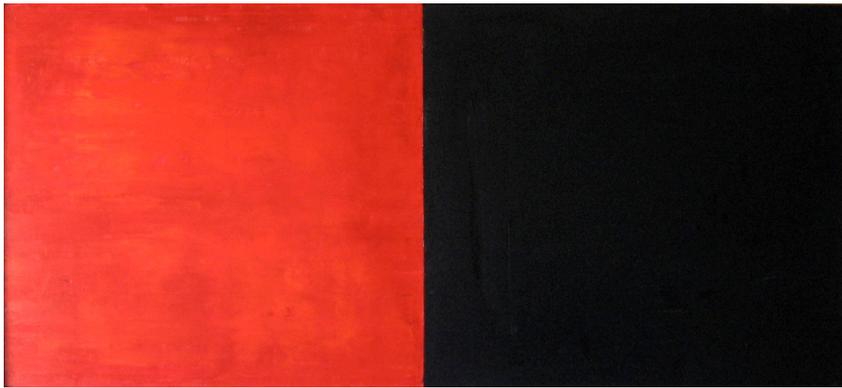
“A personalidade do artista, traduzida no começo por um grito, uma cadência, uma impressão, depois por uma narrativa fluida e superficial, subtiliza-se por fim até perder a sua existência e por assim dizer, impessoaliza-se”.

James Joyce, *Retrato do Artista Quando Jovem*.

António Fernando Silva

Porto, 4 de Outubro de 2006





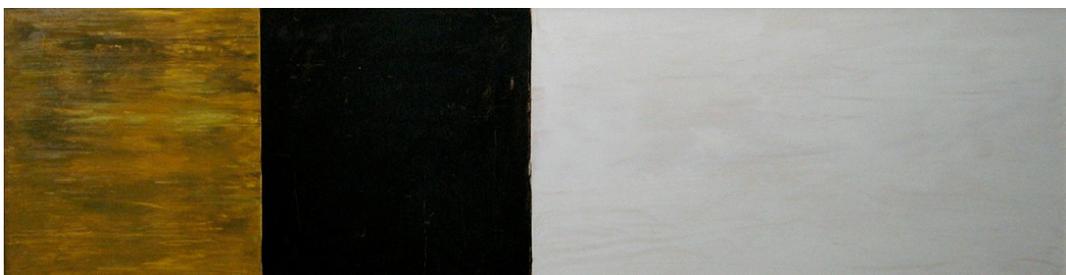
Pensado através dos meus olhos IV. Óleo e esmalte sobre contraplacado. 63 x 142



Pensado através dos meus olhos IX. Acrílico sobre tela. 80 x 120



Pensado I. Esmalte sobre contraplacado 53x193



Pensado através dos meus olhos. Óleo e verniz do Japão sobre contraplacado.